

**“PINTOU UM CLIMA” NA GUERRA CULTURAL: ESTEREÓTIPOS E  
IMAGINÁRIOS NO DISCURSO POLÍTICO DE BOLSONARO.**

***UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MEMÓRIA NA REALIDADE VIRTUAL***

**“A SPARK IN THE CULTURE WAR”: STEREOTYPES AND IMAGINARIES IN  
BOLSONARO’S POLITICAL DISCOURSE.**

***A DISCOURSE ANALYSIS OF MEMORY IN VIRTUAL REALITY***

Matheus de Oliveira<sup>1</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto

**Resumo:** O discurso político é um campo discursivo atravessado por disputas de sentido; nele, estratégias retóricas e discursivas são adotadas com finalidade de influenciar a opinião pública. A Busca pela adesão dos espíritos foi temática para os estudos retóricos do discurso ao longo da constituição canônica da AD; digo, pela sua perspectiva teórica evolutiva e contributiva. O discurso político foi algo suscitado a mim através dos encontros do GEDEM<sup>2</sup> que ocorrem na Universidade Federal de Ouro Preto. Este artigo investiga os efeitos de sentido desencadeados pela enunciação do ex-presidente: Jair Messias Bolsonaro em entrevista ao podcast Inteligência Ltda em outubro de 2022. Na qual menciona a expressão “pintou um clima” ao descrever uma situação com garotas venezuelanas. A análise centra-se na circulação digital desse enunciado e sobretudo nos comentários de usuários do canal O Globo, no *YouTube*. Compreemo-os como manifestações discursivas atravessadas por memórias discursivas cognitivas coletivas, estereótipos e interpelações ideológicas. Fundamentado nos aportes teóricos de autores como: Amossy, Charaudeau, Pierrot e Paveau, o estudo problematiza a forma como os avatares atualizam, reafirmam ou resistem aos sentidos cristalizados por convenção coletiva. O que revela disputas simbólicas que tensionam o ethos do ex-presidente — e os processos de constituição identitária em meio à midiaticização do discurso político. A metodologia é qualitativa, empírica e contrastiva, priorizando o modo como a linguagem opera enquanto arena de embates axiológicos, especialmente em contextos de hipervisibilidade digital, polarização eleitoral e conflitos de ordem moral-discursiva.

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Ingressou na UFOP no curso de Pedagogia em 2015 e, entre 2016 e 2017, participou do Projeto de Extensão PEJA - Monitoria e Alfabetização de Jovens e Adultos. Em 2018, iniciou a Graduação em Letras com ênfase em Licenciatura em Língua Portuguesa na mesma instituição. Durante sua graduação, atuou como monitor nas disciplinas de Produção de Textos (2018) e Gêneros Discursivos e Textuais (2019). Matheus integra o Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (GEDEM-UFOP), coordenado pelos professores doutores William Augusto Menezes e Paulo Henrique Aguiar Mendes. Desde julho de 2020, é associado efetivo da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Em 2021, foi bolsista do projeto de extensão "Café com Broa e Literatura Boa: Promoção do Letramento Literário na Escola Pública", sob a coordenação do professor doutor Hércules Tolêdo Corrêa. No ano de 2022, ingressou como professor convocado no estado de Minas Gerais, lecionando nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio integral e no ensino médio voltado para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em 2023, iniciou sua trajetória no Programa de Pós-Graduação (Pós-letras) em Estudos da Linguagem na UFOP. Em meados de 2023 tornou-se bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Trabalhou como professor do ensino básico na Secretaria de Educação de Mariana - MG em 2024 e 2025. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2349-6205>.

<sup>2</sup> Grupo de estudos sobre discurso e memória.

**Palavras Chaves:** Discurso político; Estereótipos; Memória discursiva; Ethos; Estratégia discursiva.

**Abstract:** Political discourse is a symbolic arena marked by struggles for meaning, where rhetorical and discursive strategies are employed to influence public opinion. This article investigates the meaning effects triggered by former president Jair Messias Bolsonaro's statement during an interview on the podcast *Inteligência Ltda*, in October 2022. The focal point is the expression "pintou um clima," used to describe an encounter with Venezuelan girls, and its digital circulation, particularly through user comments on the *O Globo* YouTube channel. These responses are interpreted as discursive manifestations shaped by collective cognitive memories, stereotypes, and ideological interpellations. Grounded in the theoretical contributions of Amossy, Charaudeau, Pierrot, and Paveau, the study analyzes how digital avatars reproduce, reinforce, or resist crystallized meanings anchored in collective conventions. The research adopts a qualitative, empirical, and contrastive methodology, emphasizing how language functions as a site of axiological confrontation, especially in contexts of digital hypervisibility, electoral polarization, and moral-discursive conflict. The analysis reveals symbolic disputes that challenge the ethos of the former president and contribute to processes of identity construction in the mediatized landscape of contemporary political discourse.

**Keywords:** Political discourse; Stereotypes; Discursive memory; Ethos; Discursive strategy.

**Submetido em 26 de junho de 2025.**

**Aprovado em 18 de novembro de 2025.**

## INTRODUÇÃO

A análise do discurso, sobretudo quando aplicada aos contextos digitais, requer um aparato teórico-metodológico que dê conta da complexidade da linguagem enquanto prática social situada. Em um cenário de fácil acesso como o das redes sociais, os enunciados não apenas circulam; eles reverberam, friccionam e ressignificam sentidos, atualizando memórias discursivas e disputando espaços no imaginário coletivo. É nesse entrelaçamento entre discurso e tecnologia que se inscreve o presente trabalho, que toma como objeto de estudo a repercussão da fala do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro durante uma entrevista concedida ao podcast *Inteligência Ltda* em 14 de outubro de 2022; e aos comentários do canal do *Youtube: O Globo*. No qual os usuários se manifestaram discursivamente diante da enunciação do candidato.

O objetivo é compreender como o sujeito/avatar, ancorado em memórias discursivas e em sistemas ideológicos constrói seu discurso diante da enunciação de Bolsonaro. Como o *ethos*, o *pathos* e o *logos* se manifestam em seus comentários? E como estes são influenciados pelos estereótipos, pela memória discursiva e pelo pré-construído? Trata-se de mapear os modos pelos quais a linguagem se torna campo de batalha simbólica, revelando uma luta por sentidos que extrapolam o conteúdo da fala.

Para a análise, foi adotada uma metodologia qualitativa e empírica, com o exame de *corpus*, orientada por princípios da análise do discurso de matriz francesa, a partir de

contribuições de Paveau (2013), Althusser (1970), Charaudeau (2017), Amossy e Pierrot (2022).

Para tanto, o presente texto encontra-se estruturado em três seções: na primeira, em abordagem mais ligeira, realizamos uma contextualização espaço/tempo do discurso a ser examinado. Na segunda, apresentamos as noções e categorias de análise, em especial, relativas à *Retórica* e à *Memória discursiva, persuasão, estereótipo; o real e a realidade discursiva*. Por fim, a partir desse aparato, são realçados possíveis efeitos discursivos no relato de Bolsonaro e nos comentários de internautas, que foram enunciados pelos seus avatares.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO EPISÓDIO E REPERCUSSÃO PÚBLICA

Em 14 de outubro de 2022, o então presidente Jair Bolsonaro concedeu uma entrevista a um canal no YouTube, na qual fez uma declaração que rapidamente ganhou ampla repercussão pública. O principal ponto de controvérsia girou em torno da expressão “pintou um clima”, amplamente interpretada como uma insinuação de conotação sexual, especialmente pelo fato de se referir a meninas adolescentes, todas venezuelanas. A ambiguidade da fala e a construção do enunciado provocaram intenso debate sobre os sentidos ativados pela linguagem utilizada, bem como sobre a intencionalidade do enunciador e os efeitos ideológicos do discurso proferido.

A reação pública e midiática foi imediata. A cobertura da imprensa destacou o caráter problemático da declaração, especialmente por possivelmente remeter à exploração sexual de menores em contexto de vulnerabilidade. Diversos veículos de comunicação enfatizaram os riscos de naturalização de estereótipos e a reatualização de discursos misóginos e xenofóbicos.

A *BBC News Brasil* destacou o impacto da fala nas redes sociais com a manchete: “‘Pintou um clima’: como fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercutiu no WhatsApp”. O *Brasil de Fato* publicou: “‘Pintou um clima’: por que fala de Bolsonaro reforça casos de exploração sexual de meninas?”. Já a *Folha de S. Paulo*, além de noticiar o episódio com o título: “Bolsonaro diz que ‘pintou um clima’ com ‘menininhas de 14 e 15 anos’, e vídeo vira munição de adversários”, também repercutiu a resposta de leitores com uma publicação dedicada: “Leitores comentam fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas”.

A reação de adversários políticos foi igualmente intensa. As declarações foram amplamente utilizadas como munição no contexto eleitoral, dado que a entrevista ocorreu dois

dias antes do debate televisivo entre os candidatos à presidência do segundo turno de 2022. O senador Randolfe Rodrigues (REDE-AP), por exemplo, afirmou em suas redes sociais: “Nojo, revolta! O que Bolsonaro disse nessa entrevista, com tanta naturalidade, me deixou ainda mais chocado com o que ele é e o que representa! Ele disse que 'PINTOU UM CLIMA' entre ele e meninas de 14/15 anos. E ainda pediu para entrar na casa delas!”.

Rosângela Silva, conhecida como Janja — à época, companheira do ex-presidente e então candidato Luiz Inácio Lula da Silva — também se manifestou, declarando sentir “revolta e indignação” ao ouvir Bolsonaro relatar um suposto clima com adolescentes. Já o deputado federal eleito Guilherme Boulos (PSOL-SP) qualificou o presidente como “asqueroso e perverso”, ironizando a incoerência entre esse tipo de discurso e a imagem de defensor da moral e da família que o político costuma adotar em suas campanhas.

Esses elementos demonstram como a enunciação de Bolsonaro se desdobrou em uma série de efeitos discursivos, não apenas pela gravidade do conteúdo, mas também pela forma como ativou memórias sociais e estereótipos já existentes. O episódio tornou-se uma arena discursiva em que se evidenciam disputas ideológicas, tensionamentos éticos e embates simbólicos, especialmente no ambiente digital, onde o vídeo e os comentários circularam amplamente.

## **2. SUJEITO/AVATAR: IDENTIDADE DISCURSIVA E ENCENAÇÃO DIGITAL**

Na perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa, o sujeito não é concebido como origem plena do sentido ou como uma instância autônoma e consciente, mas como efeito da ideologia. Conforme os postulados de Althusser (1985), o sujeito é interpelado pela ideologia e constituído historicamente nas e pelas formações discursivas, operando como lugar de atravessamento de saberes, normas e valores. Nesse quadro teórico, o sujeito fala desde posições determinadas pelas condições de produção, sendo sua identidade marcada pela alteridade e pelo já-dito. Em outras palavras, não se trata de um sujeito soberano que expressa livremente sua interioridade, mas de um sujeito posicionado, cujo dizer é estruturado por discursos anteriores, pelos quais é atravessado e a partir dos quais se constitui.

Essa concepção nos permite problematizar a figura do *sujeito/avatar* no contexto das redes sociais digitais. O avatar é compreendido, nesse escopo, como uma representação identitária estrategicamente construída pelo sujeito para sua inserção nos espaços interativos

mediados por plataformas como YouTube, Instagram, Facebook e TikTok. Tal representação não é neutra, tampouco meramente visual: ela constitui um dispositivo discursivo de enunciação, que media a presença do enunciador, organiza sua performance comunicacional e participa da negociação de sentidos e valores no espaço público digital.

A construção do avatar implica, portanto, um processo de encenação identitária, no qual o sujeito projeta um determinado *ethos* — ou seja, uma imagem de si, sustentada por estratégias discursivas, escolhas linguísticas, posicionamentos ideológicos e expectativas de reconhecimento. Esse *ethos* é ajustado às regras, algoritmos e dinâmicas próprias do ambiente digital, sendo simultaneamente individualizado e regulado por normatividades implícitas nas formas de interação permitidas pelas plataformas.

A noção de sujeito/avatar permite compreender a maneira como a identidade é performada nas interações *online*. O avatar funciona como extensão discursiva do sujeito, inscrevendo-se em condições específicas de produção técnicas, sociais, ideológicas e políticas que moldam sua atuação. A aparência de liberdade para "dizer qualquer coisa", frequentemente associada à espontaneidade da fala nas redes, é tensionada por dispositivos de visibilidade, exclusão e regulação que configuram os modos de dizer e os efeitos de sentido. Assim, o sujeito/avatar encarna as contradições discursivas da contemporaneidade: de um lado, a promessa de autonomia e autenticidade; de outro, a inscrição em estruturas de poder e sistemas semióticos que delimitam os sentidos possíveis.

Essa figura enunciativa revela-se, então, como central para compreender os efeitos discursivos gerados por declarações como as de Jair Bolsonaro na entrevista de 14 de outubro de 2022, especialmente quando reativadas por sujeitos/avatars nos comentários, curtidas e compartilhamentos nas redes sociais. Como veremos a seguir, são esses movimentos discursivos que constituem a arena simbólica de disputas, reatualizações de memória e construção de sentidos em torno do debate público.

## **2.1. O ESTEREÓTIPO: ENTRE O REAL E A REALIDADE**

O estereótipo constitui uma construção discursiva com dupla natureza: generalizante e, ao mesmo tempo, portadora de fragmentos de verdade. Ainda que simplifique, ele mobiliza representações sociais já cristalizadas na memória discursiva dos sujeitos, funcionando como um dispositivo de *leitura do outro e de si*. Como afirma Charaudeau (2017), “deve-se conceder

ao estereótipo a possibilidade de dizer qualquer coisa de falso ou verdadeiro, simultaneamente. Todo julgamento acerca do outro é ao mesmo tempo revelador de si mesmo”. O sujeito/avatar, nesse sentido, projeta sua identidade discursiva a partir de estigmas historicamente sedimentados, os quais são ativados, ressignificados ou reforçados nas interações em rede.

No caso do ex-presidente Jair Bolsonaro, sua imagem pública foi amplamente utilizada por tais construções estereotípicas. Seus discursos circularam massivamente nas redes sociais, sendo editados, *memetizados*, parodiados e disseminados por sujeitos/avatars que, ora de forma orquestrada, ora espontaneamente, participaram da construção de uma realidade discursiva em torno da sua figura. A atuação política de Bolsonaro em 2018 demonstrou uma apropriação estratégica dos dispositivos tecnológicos e das plataformas digitais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter*), promovendo a circulação de conteúdos que, muitas vezes, tensionavam as fronteiras entre verdade e falsidade, realidade e ficcionalização como evidenciado no uso massivo de *fake news*.

Nesse processo, é fundamental distinguir o “real” da “realidade”. Para Charaudeau (2017), o real só se constitui como tal quando formatado pela linguagem. Ele escreve: “o real” refere-se ao mundo tal qual ele é construído e estruturado por atividade significativa do homem por meio do exercício da linguagem” (Charaudeau, 2017, p. 574). Assim, a realidade não é dada, mas produzida discursivamente por meio de operações simbólicas mediadas tanto pela razão (*logos*) quanto pela emoção (*pathos*).

Nesse sentido, os estereótipos, ao circularem nas práticas discursivas dos sujeitos/avatars, participam da construção de um real compartilhado, ainda que impreciso, no qual o político/militar se inscreve como figura simbólica de um imaginário coletivo. Ruth Amossy e Anne Herschberg Pierrot (2022) complementam essa reflexão ao historicizarem o conceito de estereótipo, resgatando as contribuições da psicologia social e das ciências sociais desde os anos 1930. Segundo as autoras, a ideia de que “o real é filtrado por imagens e representações culturais preexistentes” (Amossy; Pierrot, 2022) remontam a Walter Lippmann e que possibilitam compreender o vínculo entre estereótipos, preconceito e discriminação — elementos indissociáveis nas dinâmicas discursivas contemporâneas.

Essas bases conceituais são fundamentais para a compreensão dos imaginários sócio-discursivos, que serão analisados na próxima seção.

## 2.2. IMAGINÁRIOS SÓCIO-DISCURSIVOS

O imaginário, conforme compreendido por Charaudeau (2017), constitui uma forma de percepção do mundo baseada na dinâmica das representações sociais. Tais representações conferem sentido aos objetos, fenômenos e comportamentos humanos, produzindo uma realidade simbólica compartilhada. Nesse processo, razão e emoção se entrelaçam e se ancoram na intersubjetividade das interações, ficando armazenadas na memória coletiva dos grupos sociais.

O autor afirma que o imaginário “é a resultante de um movimento de representação do mundo social por meio do qual os indivíduos ou os grupos fazem emergir imagens do mundo, que lhes permitem dar sentido àquilo que percebem e justificar o seu agir” (Charaudeau, 2017, p. 578). Trata-se, portanto, de uma instância simbólica que não apenas estrutura os modos de ver, mas também orienta valores, normas e práticas discursivas.

O imaginário funciona como um sistema de crenças e imagens que fornece ao sujeito/avatar uma grade interpretativa da realidade. Ele estrutura os discursos sociais, dando inteligibilidade ao mundo e legitimidade às ações. Nas redes sociais, por exemplo, os sujeitos recorrem a esses imaginários para interpretar os eventos políticos, os posicionamentos ideológicos e as figuras públicas — como o próprio Bolsonaro — projetando sobre eles imagens cristalizadas, muitas vezes estereotipadas, que reforçam ou contestam sentidos preexistentes.

Assim, o imaginário organiza-se em sistemas de pensamento coerentes, sustentados por distintos saberes, que podem ser reais ou não; e que são constituídos pelo *pathos* (emoção/afeto), *ethos* (imagem de si/identidade) ou *logos* (argumentação lógica/racional). Dessa maneira, os imaginários são formados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, estruturando-se em sistemas de pensamento que disseminam/consolidam valores, estipulam/legitimam práticas sociais e se preservam na memória coletiva.

Nessa perspectiva Amossy e Pierrot (2022) discorrem sobre o imaginário formado a partir do estereótipo na sua essência dúbia; o real e o falso:

“Na sociedade contemporânea, as construções imaginárias, cuja adequação ao real é duvidosa, senão inexistente, são favorecidas pelos meios de comunicação, pela imprensa e pela literatura de massa. Com frequência, o público forja, pela televisão ou pela publicidade, uma ideia de um grupo nacional com o qual não tem contato. As crianças e os adolescentes tomam conhecimento de algumas realidades através das séries de televisão, das histórias em

quadrinhos e também dos livros escolares. O impacto dessas representações resulta poderoso não só no caso dos grupos dos quais não se tem um conhecimento efetivo, mas também no caso daqueles com os quais se tem um contato cotidiano ou aos quais se pertence (Amossy; Pierrot, p. 48 2022)”.

Para tanto Charaudeau (2017) frisa que é importante salientar que os discursos responsáveis pela constituição dos imaginários emergem em contextos específicos de práticas sociais, desempenhando um papel de filtragem axiológica. Essa característica evidencia que um imaginário pode ser interpretado de maneira positiva ou negativa, a depender do campo de prática social no qual o sujeito/avatar está inserido.

O sujeito/avatar em questão, é munido de crenças, saberes que o orientam e que possibilitam que ele represente e se apresente perante ao fenômeno da vida. Um dos saberes que vale a pena trazer como suporte para a análise do discurso de Bolsonaro é a *ideologia*. Concordo com Charaudeau (2017) quando utiliza o termo em sua essência abrangente de interação social.

Aqui o sujeito pode ser influenciado por um discurso de referência que dependendo da força de adesão e de seu alcance de propagação pode se tornar uma doutrina. O bolsonarismo, por exemplo, se desloca do indivíduo Bolsonaro e passa a ser uma espécie de seita com realidade patêmica sintética. Para determinar os conteúdos dos imaginários é necessário entender que os saberes que são constructos destes se configuram no entrecruzamento de variados universos do discurso. Charaudeau (2017) relata acerca destes universos:

“[...] universos de discursos que correspondem aos “domínios da prática social”: aqueles do político, do científico, do religioso, do educativo, do jurídico, etc. Foi dito que os domínios de prática social desempenham o papel de filtros construtores dos saberes e, portanto, dos imaginários (Charaudeau, p. 578).”

Além disso, existem conjuntos discursivos que se edificam com base nas vivências culturais cotidianas. Tais universos discursivos dizem respeito à língua enquanto elemento de identidade, ao espaço-tempo como eixo de organização social, à alimentação como fundamento vital, à morte como expressão do destino, bem como ao trabalho, ao clima, entre outros aspectos da experiência humana. Vejamos como poderemos utilizar essas perspectivas teóricas em nossa análise. Mas por hora continuaremos com a fundamentação do conceito de Memória Discursiva.

### 2.3. MEMÓRIA DISCURSIVA

O conceito de memória discursiva certamente é algo a ser levantado aqui, pois ao longo do tempo a linguagem foi operada sob diversas óticas disciplinarmente. A análise do discurso



nasce após os movimentos reflexivos da Filosofia, da Literatura, da Psicanálise e da História. Tanto que a noção que guia alguns analistas do discurso é bastante semelhante a termos já conceituados no passado. É o caso das imagens no discurso: o *ethos*, *pathos*, *logos*, *topoi*<sup>3</sup>, *entimemas*<sup>4</sup> e dos *silogismos*<sup>5</sup>. Conceitos que são provenientes da produção de Aristóteles e que rotineiramente ganham nova roupagem a partir da produção científica.

Esse movimento é a linguagem se consolidando no imaginário sócio-discursivo do coletivo, com a atualização que só foi possível através do seus adeptos aos novos recursos tecnológicos que permitem criar/inferir uma realidade interativa discursiva.

Parto da premissa discutida por Marie-Anne Paveau (2013) que define que a Memória Discursiva se conceitua como função situada e que é refém de variados padrões de reprodução discursiva; isso no campo da cultura, do gênero, da posição social, da idade, da escolaridade e da experiencialização do fenômeno da vida etc.

Paveau (2013) para sustentar seu argumento se apoia na produção científica concebida através dos estudos de análise discursiva de Courtine e destaca:

“Introduzindo, assim, a noção de memória discursiva na problemática da análise do discurso político. Essa noção nos parece subjacente à análise da FD (Formação Discursiva) que realiza *A arqueologia do saber*: toda formulação possui em seu “domínio associado” outras formulações, que ela repete, refuta, transforma, denega..., isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos; mas toda formulação mantém - igualmente, com formulações com as quais ela coexiste (seu “campo de antecipação”) - relações narrativas cuja análise inscreve necessariamente a questão da duração e da pluralidade dos tempos históricos no âmago dos problemas que coloca a utilização do conceito de FD. [...] A introdução da noção de “memória discursiva” em AD nos parece assim ter por desafio a articulação desta disciplina com as formas contemporâneas da pesquisa histórica, as quais insistem no valor a ser atribuído ao longo do tempo (Paveau, 2013, p. 142 citado por Courtine, 1981).”

Então a memória que se consolida através da FD, e que é carregada de valor semântico se constitui por enunciações anteriores. Essa interação permitiu a sintetização do campo da memória das palavras, das expressões e dos dizeres comuns aos grupos sociais. Através disso é possível inferir que uma palavra ou dizer ao longo do tempo pode ter sido utilizada em sentidos diferentes. Como citado por Paveau (2013):

<sup>3</sup> Em retórica e filosofia, *topoi* (plural de *topos*) designam "lugares comuns" — premissas ou ideias geralmente aceitas que servem como pontos de partida na construção argumentativa.

<sup>4</sup> O entimema é uma forma de argumento lógico semelhante ao silogismo, mas com uma das premissas suprimida por ser presumida como evidente ou compartilhada pelo interlocutor. Trata-se de um recurso retórico recorrente na comunicação cotidiana, na literatura e nos discursos persuasivos.

<sup>5</sup> O silogismo, concebido por Aristóteles, é um tipo de raciocínio dedutivo que se estrutura em duas premissas e uma conclusão. Parte de proposições gerais para alcançar uma conclusão específica, evidenciando um encadeamento lógico do pensamento.

Assim, pode-se se interrogar sobre os diferentes sentidos que a palavra transporta, ou sobre os sentidos que a preencheram ao longo do tempo e ao sabor de suas viagens nas diferentes comunidades discursivas que ela atravessou. (Paveau, 2013 *apud* Moirand, 2004).

Assim, podemos confluir que uma palavra, um pensamento e uma proposição podem carregar consigo vários significados constituídos no espaço/tempo. Essa é a memória do discurso. Paveau a partir dela concebe ao *pré-discurso* e o conceitua e delimita como:

“São enquadres de saber, de crenças e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo do termo, nos ambientes materiais da produção discursiva. Os pré-discursos não são sequências discursivas identificáveis, mas enquadres prévios tácitos, assinalados nos discursos atuais por certo número de fenômenos (Paveau, 2013) [*grifos nossos*].”

Esses enquadres cognitivos são tão fortes e tão sutis que nem o sujeito tem plena consciência de sua manifestação na fenomenologia da experiência da vida. Nessa perspectiva Paveau (2013) discorre também sobre reconhecimento, e como a memória discursiva além de possuir a característica de memorização, também se reconstitui e se organiza através da ressignificação.

A formação da memória — e, de modo particular, da memória cognitivo-discursiva — está intrinsecamente ligada ao curso da história. O vínculo memorial serve como base essencial para a produção dos discursos, orientando a circulação dos saberes e crenças num movimento diacrônico: os antecessores, aqueles que falaram antes de nós, atuam como agentes na difusão desses saberes, assim como os diversos lugares de memória, sejam eles discursivos ou materiais, que garantem a continuidade da transmissão.

É possível que não tenhamos enfatizado devidamente o papel argumentativo da memória discursiva, talvez por não termos avaliado toda a sua dimensão. A memória, enquanto fonte de autoridade, é o que legitima o sentido, possibilitando as produções, interpretações, circulações e transmissões dos discursos. Dessa maneira, a memória estabelece uma autoridade semântica.

A memória discursiva funciona como um argumento de grande força, embora também possa reduzir, simplificar e provocar. Ela se apoia nos pré-discursos compartilhados coletivamente, presentes em diferentes graus em cada sujeito, já que são frutos dos saberes transmitidos pelas linhagens discursivas<sup>6</sup> e incorporados ao repertório pré-discursivo

---

<sup>6</sup> O conceito de *linhagens discursivas* diz respeito a percursos variados, de natureza histórica e ideológica, que influenciam modos específicos de formulação, reflexão e construção de sentidos no contexto social. Cada linhagem

individual. Quando esses elementos são revestidos por discursos bem elaborados, a adesão a eles torna-se algo plenamente possível.

### 3. ANÁLISE DO DISCURSO DE BOLSONARO AO PODCAST INTELIGÊNCIA LDTA

*“Olha eu vou te contar um lance aqui! Ponto final. Tem uma live minha. Eu tava em Brasília na comunidade São Sebastião, se eu não me engano, sábado de moto. Cassação da porrada. O cara passeando de moto! Passeia de moto sim! Passeia de Jet Ski. Passeia de cavalo, de Jegue. Parei a moto numa esquina, tirei o capacete e olhei umas menininhas três, quatro bonitas de 14, 15. Arrumadinhas no sábado numa comunidade. E vi que eram meio parecidas. Aí pintou um clima e eu voltei. Posso entrar na tua casa? Entrei. Tinha umas 15 a 20 meninas. Sábado de manhã se arrumando. Todas venezuelanas; e eu pergunto! Meninas bonitinhas 14 e 15 anos se arrumando no sábado, para quê? Ganhar a vida. Você quer isso para tua filha que está nos ouvindo aqui agora?”*

A fala acima de Jair Bolsonaro durante a entrevista realizada em 14 de outubro de 2022 pode ser compreendida como um ato discursivo que articula memória discursiva, ethos, imaginários sócio-discursivos e estereótipos, com efeitos significativos na cena midiática e política. Trata-se de um enunciado que atualiza uma memória ideológica estruturante, revelando os modos de constituição do sujeito discursivo e os valores que sustentam sua posição de fala.

Primeiro ele avisa ao interlocutor que irá narrar uma cena e utiliza a expressão “Ponto final.” Para demarcar a relação de poder que existe na esfera discursiva. Depois atualiza seu ethos a um novo estereótipo; o do motociclista<sup>7</sup>. Neste passeio em questão utiliza recursos sintáticos oracionais para definir sua posição geológica. Em *“Eu tava em Brasília na comunidade São Sebastião...”*.

Entretanto, antes de iniciar sua narrativa, Bolsonaro abre um parêntese em seu discurso para manifestar indignação diante das críticas que recebeu por seus passeios durante o mandato, afirmando: “Cassação da porrada. O cara passeando de moto! Passeia de moto sim! Passeia de

---

traz consigo marcas de discursos passados, evidenciando dinâmicas de poder, referências culturais e posicionamentos que atravessam e sustentam a produção de significados.

<sup>7</sup> Durante seu mandato presidencial (2019–2022), Jair Bolsonaro participou de diversas “motociatas” — eventos públicos em que liderava grandes passeios de motocicleta com apoiadores — como forma de mobilização política, expressão de popularidade e demonstração de força simbólica.

Jet Ski. Passeia de cavalo, de jegue.” Na primeira frase dessa enunciação, observa-se certa dificuldade de compreensão quanto ao que exatamente o ex-presidente pretende expressar, mas é possível inferir que se trata de um resmungo<sup>1</sup>, carregado de insatisfação e protesto implícito/explicito.

Ao dizer: *“Parei a moto numa esquina, tirei o capacete e olhei umas menininhas três, quatro bonitas de 14, 15. Arrumadinhas no sábado numa comunidade. E vi que eram meio parecidas. Ai pintou um clima e eu voltei”*, o ex-presidente inscreve-se discursivamente em uma posição de sujeito que pode normalizar a erotização da infância, tensionando o campo da moral pública e da ética da enunciação. A estrutura sintática fragmentada e o tom confessional — *“Olha eu vou te contar um lance aqui!”* — Constrói um *ethos* que se aproxima do interlocutor, mas que, ao mesmo tempo, evidencia a naturalização de um olhar que objetifica e consolida a reinscrição de um imaginário colonial e patriarcal sobre o corpo feminino.

Afirmamos isso analisando nossa formação cultural em cima da objetificação dos corpos latino-americanos femininos em nossa literatura, tanto na carta de Pero Vaz de caminha, ou em *Iracema*, de José de Alencar, quanto em *O Som do Rugido da Onça*, de Micheline Verunschik.

Segundo Amossy (2005), tomar a palavra não é um simples reflexo da personalidade do locutor, mas uma construção discursiva que busca persuadir e afetar o interlocutor através da imagem. Nesse caso, o *ethos* de autenticidade buscado por Bolsonaro articula-se a uma estratégia retórica de dramatização moral: ao final do trecho, ele interpela diretamente o público com a pergunta: *“Você quer isso para tua filha que está nos ouvindo aqui agora?”*, produzindo um deslocamento da responsabilidade da cena para os corpos que a compõem — as meninas venezuelanas —, enquanto reforça seu posicionamento como suposto defensor dos “valores familiares”.

Este gesto discursivo não é isolado. Ele se ancora em estereótipos sociais sobre a mulher migrante, pobre e racializada — estereótipos que, conforme Charaudeau (2017), são formas cristalizadas de representação, transmitidas historicamente, que alimentam os imaginários coletivos e sustentam práticas de exclusão. Ao descrever as meninas como “arrumadinhas”, “bonitinhas”, “iguais”, e ao pressupor que estariam se “arrumando para ganhar a vida”, o enunciador reinscreve no discurso o imaginário sócio-discursivo da prostituição como destino inevitável da jovem migrante, construindo uma narrativa que reifica vulnerabilidades e legitima olhares coloniais.

Em termos de memória discursiva, a fala opera como atualização de uma cadeia de enunciados que já circularam em outros momentos e lugares. Como define Paveau (2013), a memória discursiva não se reduz à lembrança individual, mas é o que permite que os discursos façam sentido a partir da sedimentação de outras palavras, já ditas, já escutadas. O “clima” que “pinta” no discurso de Bolsonaro não é uma ocorrência singular, mas ecoa práticas e sentidos históricos relacionados ao desejo masculino hegemônico e à dominação simbólica.

Continuam, assim, circulando em rede imagens já sacramentadas no imaginário sócio-discursivo sobre Bolsonaro, que reforçam tanto sua idolatria quanto sua rejeição. Entre os epítetos mais recorrentes atribuídos ao ex-presidente, encontram-se: militar, político, cidadão de bem, genocida, mito, capitão, messias, além de outros como salvador da pátria, anticomunista, pai da liberdade, defensor da família tradicional, populista, negacionista, líder autoritário, homem do povo e até mesmo representante do caos. Tais denominações, por vezes conflitantes, são acionadas conforme a posição ideológica dos interlocutores e constituem efeitos da memória discursiva mobilizada na circulação dos enunciados nas redes, participando ativamente da disputa simbólica em torno da identidade do enunciador.

Essa dimensão de circulação midiática evidencia o espaço de espetáculo da mídia, em que o discurso político não é mais apenas um espaço de exposição de ideias, mas de performatividade afetiva (*pathos*). A entrada no “jogo das paixões” – mobilizando o medo, o nojo, a raiva ou a compaixão – passa a ser central para o funcionamento persuasivo do discurso. Ao convocar o público para imaginar suas filhas naquela situação, Bolsonaro apela ao *pathos* como forma de encobrimento da violência simbólica implicada em sua narrativa. É a manifestação da guerra cultural.

A pergunta dirigida ao ouvinte – “*Você quer isso para tua filha?*” – funciona como chamamento ideológico, buscando produzir efeitos de identificação e adesão ao sistema de valores do enunciador. Essa interpelação se dá não apenas em nível racional (*logos*), mas mobiliza afetos e preconceitos socialmente enraizados, favorecendo a adesão mesmo quando o conteúdo da fala se apresenta eticamente problemático.

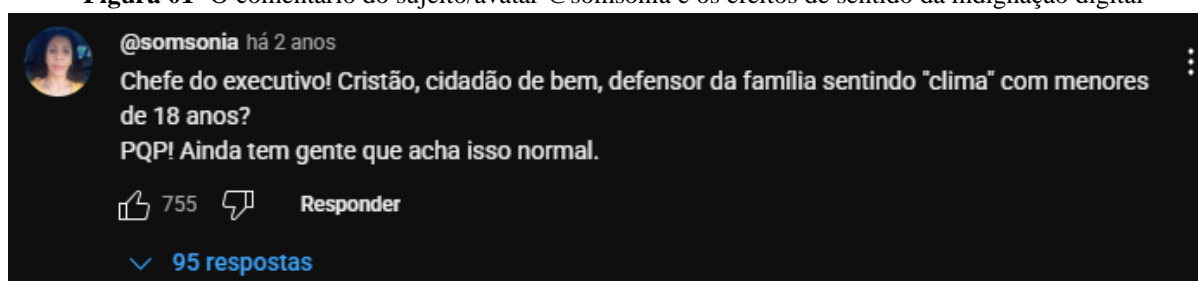
Em suma, a análise discursiva da entrevista revela um funcionamento complexo, em que se articulam estratégias retóricas, construção de *ethos*, mobilização de estereótipos e atualização de imaginários coletivos. Trata-se de um discurso que opera no entrecruzamento entre a cena enunciativa presencial e a cena midiática digital, mobilizando memórias discursivas e afetivas para sustentar uma determinada visão de mundo. Seus desdobramentos

na esfera pública demonstram o poder performativo da linguagem, sobretudo quando utilizada como instrumento de legitimação de desigualdades simbólicas e estruturais.

### 3.1. Análise dos discursos de sujeitos avatares a partir da fala de Bolsonaro

Interpelação, dissonância e denúncia: o sujeito/avatar @somsonia e os efeitos de sentido da indignação digital

**Figura 01-** O comentário do sujeito/avatar @somsonia e os efeitos de sentido da indignação digital



Fonte: Canal do Youtube O Globo.

O comentário da usuária @somsonia – inscrito em uma plataforma de circulação digital de alta visibilidade, mobiliza estratégias discursivas de denúncia, ironia e desestabilização do *ethos* de Jair Bolsonaro, revelando, ao mesmo tempo, o funcionamento de uma memória discursiva que interpela tanto o sujeito político quanto seus seguidores.

A construção do enunciado parte de uma estratégia de condensação de estereótipos ideológicos: “chefe do executivo”, “cristão”, “cidadão de bem”, “defensor da família” – fórmulas discursivas que integram o imaginário sócio-discursivo da direita conservadora brasileira, e que atuam como marcas identitárias reiteradas nos discursos de Bolsonaro e de sua rede de apoio. Tais rótulos, quando articulados à acusação indireta (“sentindo ‘clima’ com menores de 18 anos”), tornam-se o ponto de ruptura discursiva que ativa o efeito de escândalo, isto é, a percepção pública de uma quebra de coerência entre o *ethos* projetado e a prática enunciada.

Nesse sentido, o comentário opera como uma interpelação crítica, ao sujeito Bolsonaro, reposicionando-o discursivamente como alguém que transgride os valores que diz defender. A indignação, marcada pela sigla expressiva “PQP!”, evidencia não apenas um juízo ético, mas uma tentativa de mobilizar afetos coletivos, chamando o público à co-participação no julgamento moral do sujeito político. Esse gesto de interpelação inscreve-se em uma memória discursiva que, como aponta Paveau (2013), estrutura-se como banco de dados (pré-discursos)

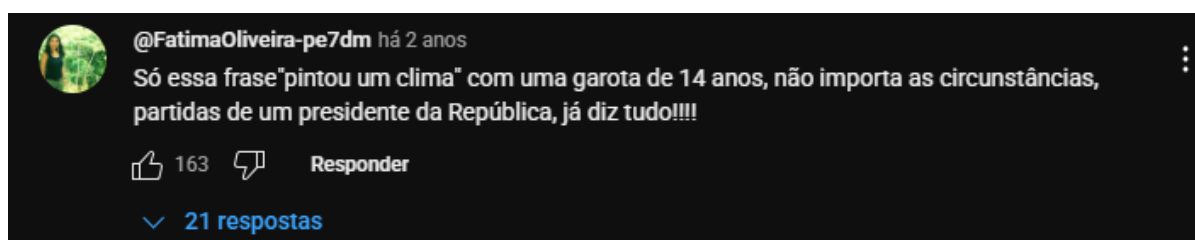
ideológicos a partir do qual os sujeitos interpretam os enunciados com base em saberes já estabilizados na memória coletiva.

O uso das aspas na palavra ‘clima’, transcrita diretamente da fala de Bolsonaro, é um gesto de retextualização irônica que desnaturaliza o dizer original, reposicionando-o dentro de uma nova cena enunciativa: aquela do confronto moral, típico das disputas que se instauram nas redes sociais. Como indica Charaudeau (2017), o estereótipo, nesse processo, deixa de ser apenas um traço identitário e passa a funcionar como índice de contradição – o “cidadão de bem” que protagoniza um relato que sugere conotação sexual com adolescentes torna-se, nesse enquadramento, paradoxal e incoerente.

O sujeito/avatar @somsonia atua, portanto, como *ethos* patemizado de denúncia que catalisa sentidos em torno de uma ruptura moral, mas também como operador discursivo que reforça um posicionamento coletivo contrário ao ex-presidente. Sua performance, ancorada na forma breve e incisiva do comentário caracteriza-se dentro da arte retórica pois contém: formulações curtas, agressivas e altamente compartilháveis, que visam impactar o leitor e reforçar divisões entre “nós” e “eles” no cenário político-midiático.

O número expressivo de curtidas e respostas – 755 e 95, respectivamente – confirma que o comentário produziu efeitos de identificação em larga escala, ativando memórias e estereótipos em disputa. O que se vê, portanto, é um gesto enunciativo que, ao mesmo tempo que denuncia uma fala considerada moralmente reprovável, reafirma os limites de aceitabilidade no espaço público, reforçando os mecanismos de julgamento e exclusão simbólica.

**Figura 02-** O comentário de @FatimaOliveira-pe7dm e a saturação simbólica do escândalo



Fonte: Canal do Youtube O Globo.

@FatimaOliveira-pe7dm – condensa um gesto enunciativo de reprovação categórica que se ancora no que Amossy (2011) define como *ethos* de indignação, orientado por um

posicionamento ético que se pretende inegociável diante daquilo que é tomado como transgressão moral explícita.

O enunciado mobiliza uma estrutura sintática simples, mas com forte carga afetiva, argumentativa e sintática. A expressão “*já diz tudo!!!!*”, intensificada por múltiplos pontos de exclamação, atua como forma de fechamento categórico do argumento, recusando a necessidade de contextualização ou justificação: a enunciação da frase “pintou um clima” pelo então presidente, associada a uma garota de 14 anos, é, por si só, suficiente para instaurar a condenação pública. Esse tipo de formulação corresponde a uma resposta retórica condensada, muito comum nas plataformas digitais, nas quais a brevidade e a contundência são centrais para gerar adesão, ou para lacrar<sup>8</sup>.

Nesse comentário, evidencia-se o funcionamento da memória discursiva (Paveau, 2013): a expressão “pintou um clima” carrega uma densidade semântica construída socialmente em contextos de flerte, insinuação e conotação sexual. Quando esse enunciado é pronunciado por um sujeito investido da função presidencial e associado a adolescentes, há uma colisão entre o papel institucional e o conteúdo proferido, provocando o que Amossy (2011) define como ruptura entre *ethos* pré-construído e o *ethos* revelado. O escândalo discursivo se instala justamente nesse ponto de fratura.

A fala de Bolsonaro, ao ser retextualizada por @FatimaOliveira-pe7dm, é destacada entre aspas, evidenciando um gesto de citação que não visa repetir, mas sim denunciar. Como observa Charaudeau (2017), o estereótipo aqui não é apenas ativado, mas tensionado: o “presidente da República” que deveria, simbolicamente, representar a autoridade, o cuidado e o zelo público, aparece inscrito em uma cena de desejo velado com adolescentes. A enunciação tensiona esse lugar simbólico, denunciando a incoerência entre função institucional e conduta pessoal, o que, segundo Charaudeau (2017), compromete a legitimidade discursiva do locutor político.

A recusa a qualquer relativização da fala (“não importa as circunstâncias”) mostra que a interpelação operada pela comentarista é radical e não admite negociação interpretativa. Aqui o sujeito é chamado a ocupar uma posição em relação a um dizer que já circula saturado de

---

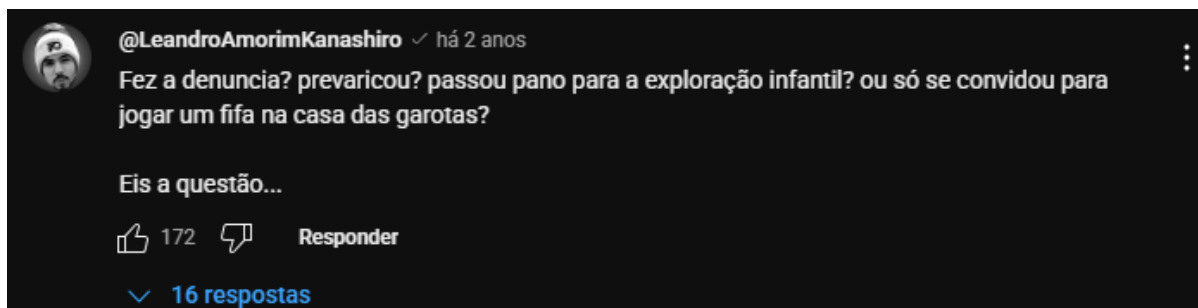
<sup>8</sup> No contexto das redes sociais e do discurso político contemporâneo, o verbo *lacrar* assume um sentido ampliado em relação ao seu uso original — que remetia ao ato de selar ou fechar algo de forma definitiva. Atualmente, a expressão é empregada como gíria para indicar uma ação impactante, assertiva ou provocadora. Lacrar, nesse uso, significa impor-se discursivamente, muitas vezes com frases de efeito, ironias ou declarações contundentes, com o objetivo de calar o interlocutor ou conquistar a aprovação da audiência. Trata-se, portanto, de uma estratégia de performance verbal que visa produzir efeitos simbólicos de força, superioridade e domínio no embate de ideias.



sentidos. No caso, @FatimaOliveira-pe7dm posiciona-se como sujeito moral que recusa a normalização de discursos que impliquem sexualização de menores, e convoca os demais interlocutores da cena digital a compartilharem esse mesmo juízo.

Embora o número de curtidas (161) e respostas (21) seja significativamente menor que o de outros comentários, isso não deve ser lido como fragilidade de sua força argumentativa.

**Figura 03-** A retórica da interrogação como mecanismo de deslocamento ético-discursivo



Fonte: Canal do Youtube O Globo

O comentário de @LeandroAmorimKanashiro apresenta um encadeamento de perguntas retóricas que, embora organizadas sob a aparência de dúvida, funcionam como dispositivo de denúncia e ironia. Esse tipo de formulação interrogativa não busca esclarecimento, mas tensiona o discurso alheio por meio dos procedimentos que legitimam a argumentação. Aqui, a dúvida é performativa: serve para expor contradições e insuficiências no posicionamento do sujeito político, mais do que para inquirir honestamente.

O sujeito/avatar encena, por meio de perguntas sucessivas, um percurso de responsabilização. A primeira interrogação — "Fez a denúncia?" — mobiliza uma expectativa de ação institucional, isto é, o esperado de alguém que ocupa a presidência da República ao se deparar com um cenário de possível abuso. Ao colocar em sequência as perguntas "Prevaricou?" e "Passou pano para a exploração infantil?", há uma escalada acusatória: da omissão à cumplicidade, da negligência à conivência. A sequência culmina na ironia mais aguda: "Ou só se convidou para jogar um Fifa na casa das garotas?" — formulação que provoca um colapso ético entre a gravidade do tema e a banalização da presença de Bolsonaro no local.

Essa estratégia de comentário articula, portanto, o que Amossy (2011) define como um duplo movimento de argumentação e sátira, no qual o riso emerge como um efeito colateral da indignação. Ao acionar o imaginário vinculado ao "jogar Fifa" — prática comumente associada ao universo juvenil, masculino e lúdico —, o sujeito/avatar constrói um ethos que se ancora em

elementos geracionais e culturais específicos. Trata-se de um enunciador que se apresenta, implicitamente, como pertencente às gerações conhecidas como Millennials ou Geração Z, ou seja, indivíduos nascidos entre os anos 1980 e 2010, moldados por referências digitais e midiáticas.

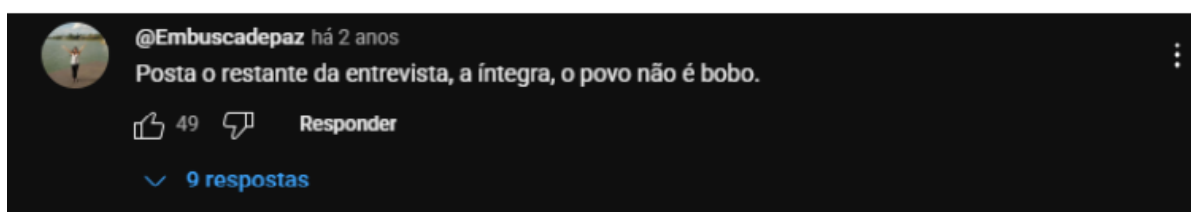
A escolha dessa imagem — a de alguém que, diante de uma situação de extrema gravidade, responde como quem se prepara para uma sessão de videogame com amigos — instaura uma ruptura no ethos presidencial tradicional. Nesse gesto, o presidente é ressignificado como um avatar da incongruência: sua postura escapa às expectativas institucionais e o aproxima de um comportamento juvenil, deslocando o papel que se espera de uma figura de autoridade em um momento de crise.

Esse efeito contribui para incluir os sujeitos das gerações digitais no debate, ativando mecanismos de identificação e reconhecimento. A representação de si passa a ser mediada pela vivência compartilhada com seus pares, refletida numa experiência comum marcada pela lógica das redes, pela linguagem dos memes e pela interação cotidiana com dispositivos tecnológicos — elementos que configuram o pano de fundo fenomenológico da realidade contemporânea.

Trata-se de um comentário que ativa uma transição de campos cenográficos discursivos — uma passagem abrupta do campo político para o campo do deboche. O objetivo é intensificar o efeito de exposição do absurdo, gerando uma figura que se aproxima do “bufão perigoso”: alguém simultaneamente ridículo e ameaçador.

Finalmente, é possível observar a mobilização de memórias discursivas institucionais (Paveau, 2013), sobretudo no uso dos termos “prevaricação” e “exploração infantil”, que ativam saberes jurídicos sedimentados. Assim, o comentário desloca a fala do presidente para o campo da responsabilização penal, sustentando, como aponta Amossy (2005), uma lógica discursiva em que o *ethos* do sujeito político é continuamente reconfigurado a partir de seus enunciados públicos, em especial nas redes sociais, onde o jogo de sentidos é acelerado e polifônico.

**Figura 04-** O comentário de @Embuscadepaz e a estratégia discursiva da contra-interpelação.



Fonte: Canal do Youtube O Globo.

O enunciado de @Embuscadepaz – mobiliza uma estratégia discursiva de defesa por meio da sugestão de manipulação midiática, típica de certos discursos de contra-ataque no espaço digital. Trata-se de um gesto de contra-interpelação, em que o sujeito recusa a posição de receptor passivo de uma leitura hegemônica da cena discursiva e convoca um novo posicionamento coletivo: o de um povo “não bobo”, supostamente lúcido e crítico.

A exigência da “íntegra” da entrevista assume um papel retórico específico: ela visa desqualificar a denúncia (a partir de trechos recortados e circulados nas redes) ao insinuar que haveria um contexto atenuante ou mesmo justificável nas partes omitidas. Esse tipo de estratégia se ancora em um contrato de veridicção: a defesa do “todo” como garantia de verdade, contra os recortes tidos como parciais e, por isso, enganosos.

No entanto, essa reivindicação de totalidade (a entrevista na íntegra) é contraditoriamente sustentada por um enunciado extremamente breve e carregado de pressuposições. A frase “o povo não é bobo” condensa um *ethos* coletivo e moralmente superior, que se pretende imune à manipulação. Esse recurso se alinha ao que Amossy (2005) trabalha sob a construção do *ethos*, no qual o sujeito a partir do discurso constrói a imagem de si, isso possibilitado pela realidade virtual situada no campo da política e com finalidade de mobilizar uma autoridade popular — um “nós” implícito — como respaldo à sua desconfiança.

A escolha lexical do verbo “posta” (em vez de “publique”) reforça a oralidade própria da linguagem digital, o que constitui uma das marcas dos discursos de subjetivação no ambiente virtual. Essa economia linguística, embora aparentemente informal, atua de modo performático: ela posiciona o sujeito como alguém que fala “de igual para igual”, ativando uma identificação com outros usuários que partilham da mesma suspeita.

No plano da memória discursiva (Paveau, 2013), o enunciado resgata e reinscreve um gesto argumentativo que a francesa certamente iria concordar que se encaixa como pré-discursos e que tem longa circulação na política brasileira, especialmente no bolsonarismo: o de denunciar a suposta manipulação da mídia e a fragmentação intencional de discursos para desmoralizar adversários. A frase “o povo não é bobo” ressoa, inclusive, como um eco intertextual de slogans televisivos dos anos 1990 (“o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”), reconvertido agora em ferramenta de contra-argumentação digital.

Finalmente, esse comentário aciona estereótipos, tanto do “povo lúcido” quanto do “discurso manipulado”, operando por oposições simplificadoras (verdade x mentira, íntegra x

recorte, povo x mídia). Ainda que conte com um número modesto de curtidas (49) e respostas (9), ele participa da batalha interpretativa não como argumento racional desenvolvido, mas como gatilho discursivo, pronto para ser partilhado e amplificado por sujeitos que ocupam posições ideológicas semelhantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gesto de análise proposto neste trabalho permitiu demonstrar como os sentidos não se encerraram na enunciação original da fala de Bolsonaro, mas se desdobraram em múltiplas camadas interpretativas que circularam e se resignificaram no ambiente digital. Ao investigar os efeitos simbólicos e discursivos provocados por uma fala polêmica, sustentada por estereótipos e imaginários reiterados, tornou-se possível evidenciar o funcionamento das ideologias, da memória e da interpelação nas disputas simbólicas que atravessaram o espaço público.

O sujeito/avatar analisado neste estudo construiu seu discurso a partir de memórias discursivas e de sistemas ideológicos que condicionaram sua interpretação da fala presidencial. Essa construção não partiu do zero: foi sustentada por um repertório de sentidos já sedimentados, acionando categorias discursivas como “mito”, “genocida”, “messias”, “louco”, entre outras, que se encontram estabilizadas no imaginário coletivo. Assim, sua enunciação funcionou como atualização de discursos anteriores, marcando posição no campo ideológico e reiterando ou tensionando a imagem de Bolsonaro.

Nesse processo, observaram-se manifestações claras de *ethos*, *pathos* e *logos* nos comentários. O *ethos* foi mobilizado na construção de uma imagem de sujeito crítico, moralmente posicionado, que se inscreve discursivamente como alguém indignado ou irônico diante da postura do presidente. O *pathos* apareceu na ativação de afetos como o riso, a revolta e o escárnio, funcionando como estratégia de envolvimento e de demarcação de alianças simbólicas. O *logos*, por sua vez, surgiu na articulação de argumentos — ainda que informais — que buscavam revelar contradições, justificar posições ou deslegitimar o discurso presidencial por meio da exposição de incongruências.

Esses três modos de persuasão foram atravessados por estereótipos, pela memória discursiva e pelo pré-construído, os quais forneceram os quadros interpretativos que permitiram tanto a produção quanto a leitura dos comentários. O uso da expressão “pintou um clima”, por exemplo, só adquiriu efeito simbólico e viral porque ativou um saber compartilhado

socialmente, ancorado em experiências discursivas anteriores e em marcas linguísticas reconhecíveis. Como afirmam Amossy e Pierrot (2022), “o que percebemos está moldado a partir das imagens coletivas que temos incorporadas em nossa mente.”

Nesse sentido, a linguagem se revelou como campo de batalha simbólica no qual diferentes visões de mundo se confrontaram. O conteúdo da fala, embora relevante, foi extrapolado pela disputa de sentidos em torno dela. A circulação discursiva evidenciou que a linguagem não apenas representa o mundo, mas atua sobre ele, constituindo sujeitos, orientando práticas e disputando legitimidades. Assim, o discurso se mostrou não apenas como reflexo de um contexto ideológico, mas como agente ativo na produção e manutenção das disputas sociopolíticas contemporâneas.

Como desdobramento futuro, será analisada, em novo artigo, a fala de Bolsonaro no hall do debate da TV Bandeirantes em 2022, também sobre o mesmo tema. O objetivo será compreender como se estrutura a disputa pelo sentido e a manipulação através da verdade como estratégia discursiva. Essa análise será incorporada à pesquisa mais ampla sobre estratégias discursivas nos debates televisivos das eleições presidenciais de 2022, aprofundando o entendimento sobre como o discurso político é construído, veiculado e apropriado no espaço público.

### Referências web

ALEGRETTI, L.; IDOETA, P. A. 'Pintou um clima': como a fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercutiu no *WhatsApp*. **BBC News**. Londres. 24 out 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63345188>. Acesso 19 de Abril de 2025.

Bolsonaro diz que 'pintou um clima' com meninas venezuelanas de 14 anos. **Jornal O Globo**. Disponível em: [https://youtu.be/v1EvH-Don0k?si=fW\\_J5mqm0YTMkQZS](https://youtu.be/v1EvH-Don0k?si=fW_J5mqm0YTMkQZS). Acesso 23 mar 2025.

Bolsonaro se defende de frase viralizada sobre meninas venezuelanas e acusa PT. **CNN Brasil**. 16 out 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-se-defende-de-frase-viralizada-sobre-meninas-venezuelanas-e-acusa-pt/>. Acesso 03 mai 2025.

COLETTA, R. D. Bolsonaro diz que 'pintou um clima' com 'meninhas de 14 e 15 anos', e vídeo vira munição de adversários. **Folha de São Paulo**. 15 out 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/bolsonaro-diz-que-pintou-um-clima-com-meninhas-de-14-e-15-anos-e-video-vira-municao-de-adversarios.shtml>. Acesso em 05 mai 2025.

DEISTER, J. “Pintou um clima”: por que fala de Bolsonaro reforça casos de exploração sexual de meninas. **Brasil de Fato**. Rio de Janeiro. 18 out 2022. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/10/18/pintou-um-clima-por-que-fala-de-bolsonaro-reforca-casos-de-exploracao-sexual-de-meninas/>. Acesso em 05 mai 2025.

G1. 'Pintou um clima': fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercute e gera críticas nas redes. **G1**. Brasília: 15 out 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/pintou-um-clima-fala-de-bolsonaro-sobre-meninas-venezuelanas-repercute-e-gera-criticas-nas-redes.ghtml>. Acesso 19 abr 2025.

LEONI, Raul de. **Sonetário brasileiro**. Disponível em: <https://www.elsonfroes.com.br/sonetario/leoni.htm>. Acesso 27 abr 2025.

Leitores comentam fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas. **Folha de São Paulo**. 16 out 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/10/leitores-comentam-fala-de-bolsonaro-sobre-meninas-venezuelanas.shtml>. Acesso em 05 mai 2025.

'Pintou um clima': Justiça rejeita ação contra Bolsonaro por declaração sobre meninas venezuelanas. **Carta Capital**. 09 nov 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/pintou-um-clima-justica-rejeita-acao-contra-bolsonaro-por-declaracao-sobre-meninas-venezuelanas/>. Acesso em 04 mai 2025.

SESTREM, G. Em *podcast*, Bolsonaro explica frase “pintou um clima” em relação a venezuelanas. **Gazeta do povo**. 20 out 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2022/podcast-bolsonaro-explica-frase-pintou-um-clima-em-relacao-venezuelanas/>. Acesso em 05 mai 2025.

## Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo. Contexto, 2005.

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg; **Estereótipos e clichês** - São Paulo: Contexto. 2022.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

FERREIRA, Luiz Antonio; PITUBA, Márcia (orgs.). **Sistema retórico: memória e actio**. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado**. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. EID&A - Revista

Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.5, p. 137-161, dez. 2013.